ERNANI MÉRO, Vida e Obra.

Às 19 horas, do dia 15 de fevereiro de 1925, no Rosário Estreito, hoje Rua Barão do Rio Branco, nesta Cidade do Penedo, vinha ao mundo o derradeiro rebento do casal Áurea e Osvaldo Méro. Ela, filha de Dona Amélia Roza de Azevedo e Silva e de João Octacílio de Azevedo e Silva, e ele, filho de Dona Cecília Senhorinha Méro Cavalcante e de Henrique Silva Méro, todos penedenses.

Na pia batismal, os pais deram ao caçula o nome de Ernani – que dizem significar “topo de uma colina luminosa”, sentido encontrado no personagem Hernani, da peça de Victor Hugo de mesmo nome, e noutras fontes tem o significado de “valente”, ou ainda “viajante corajoso”. Perante o serviço público, o registraram como Ernani Otacílio Méro, respeitados os patronímicos da família.

Para o mundo literário, veio a se assinar como Ernani Méro.

E é sobre a sua vida e a sua obra que passarei a discorrer .

Saudações. Minhas Senhoras, meus Senhores.

Desde cedo, na vida, já demonstrava Ernani um interesse elevado pelas letras e arte, tendo iniciado seus estudos em antigo Colégio que funcionava no prédio onde hoje se encontra instalada uma pousada, ao lado da Igreja de Nossa Senhora das Correntes, e menino, ainda, e já começou a revelar o seu encantamento com as histórias de Clara e Francisco de Assis, veneração que evoluiu e o levou em suas andanças pelo Convento Nossa Senhora dos Anjos a decisão de ingressar na vida religiosa, adotando a saudação franciscana do “Pax et Bene”, isso aos treze anos de idade, pois decidido a se tornar um missionário franciscano.

Estudou no Seminário dos Capuchinos em Maceió, mas obrigado foi a se afastar por conta de ter acometido impaludismo, vindo a ser tratado em Penedo pelo saudoso Doutor Adail Freire Pereira, voltando aos estudos religiosos no Seminário Franciscano de Ipuarana, na Paraíba, ciclo que que deu por encerrado aos dezessete anos de idade, eis que instado a retornar a casa paterna para fazer companhia a Dona Aurinha, sua mãe, em virtude de sua viuvez.

Para selar a desistência do intento de se tornar franciscano, veio a se apaixonar por Nair, vinda do Povoado Sucupira Torta, na divisa de Junqueiro com Coruripe, filha de Dona Áurea Fernandes Barros e Arthur Souza Barros, com quem veio a se casar aqui em Penedo, perante o conhecido Juiz de Direito Dr. José Xisto Gomes de Melo, isso em 8 de outubro de 1946, tendo sido testemunhas Homero Thomaz, Teodomiro Lima Mota, o Mirinho ( seu primo) e Enedina Mendonça, amiga da Família

Dessa união fecunda, nasceram Osvaldo, Carlos, Marcos, Ricardo e Maria de Fátima, os quais se multiplicaram em 16 netos e mais de duas dezenas de bisnetos, por enquanto.

A vida de casado, entretanto, não decretou o afastamento de Ernani da igreja, eis que tendo aprendido os segredos da música e canto orfeônico, com adoção de flauta e harmônio como instrumentos principais, ingressou na Ordem Terceira Franciscana, do Convento de Penedo, como irmão Estêvão, onde se tornou regente do coro que atuava naquele templo católico, conquistando a simpatia dos frades franciscanos, sendo-lhe abertas as portas da biblioteca e arquivos da Ordem, o que foi o bastante para deflagrar o seu interesse pela pesquisa histórica.

Foi então que se deu, no próprio Convento, possivelmente, a primeira refrega que haveria de enfrentar em defesa do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico de Penedo; é que o Frade Superior Frei Luiz Maria Hosterer mandou instalar nas paredes laterais da nave central do Convento grandes ventiladores, o que provocou reação imediata de Ernani diante do descalabro estético que causou ao antigo e ricamente adornado templo, reação essa que lhe rendeu a ira do frade que, o rotulando de “comunista”, proibiu seu acesso ao Convento, censura essa que durou cerca de dois anos. Mas os ventiladores instalados, após a forte pressão, inclusive com a adesão da Ordem Terceira Franciscana, foram retirados, e restaurada e preservada foi a natureza barroca do prédio.

Com a mudança de comando do Convento, Ernani, então, foi reaceito no convívio com os frades daquele templo, retornando às suas práticas como Terceiro Franciscano e regente do coro local.

Mas, outro embate haveria de enfrentar com membro do clero, dessa feita em Maceió, quando se preparava para ingressar em curso de Teologia, em Salvador, quando teve a sua pretensão frustrada por um certo padre secular da Arquidiocese de Maceió, por taxá-lo de ”excessivamente progressista”, eis que não se conformava com retrógados pensamentos da cúria, como expressou Carlos Méro na Nota Preambular a reedição da “História do Penedo” (Grafemarques, Maceió, 1988).

Esses dois fatos já deixam ver que a natureza de Ernani era a de não se calar diante do que ele entendia por afrontoso e em desacordo com a realidade, mormente quando em risco a integridade cultural de sua terra.

Comerciário, de início, investido foi em cargo público da estrutura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, tendo sido lotado nas agências de Porto Real do Colégio, Igreja Nova, Penedo e Maceió, tempo em que, nas horas vagas, se debruçava sobre partituras e textos históricos, pavimentando o caminho de pesquisador que se desenhava a sua frente.

Em Penedo foi músico, professor, estatístico, jornalista com atuação através do jornal “O Apóstolo” e produzindo e apresentando programas culturais na Rádio e Emissora Rio São Francisco, seja com a poesia como tema, seja cultuando a música erudita, além de se mostrar profundo e criterioso estudioso das artes e história do Penedo, e de outros rincões alagoanos.

Em Penedo, Ernani também foi ator teatral amador, tendo fundado em 16 de setembro de 1959 a União Teatral de Amadores de Penedo – UTAP, juntamente com outros amantes da arte cênica como Antônio Pedro dos Santos, Altamiro Saraiva, Flávio Saraiva, Maurício Gomes, Lauro Soares Mousinho, Hercília Barbosa, Sebastião de Oliveria Costa, Terezinha Silva Nunes, Jackson Morais, Murilo Mendonça, vindo a enriquecer o seleto grupo com seus talentos a Maria Isabel, a estimada “Bebel, Ariel Salete de Morais, Jurandir Bispo, e também o Padre Dermeval Ferreira Lima, e outros, ainda.

A UTAP encenou peças memoráveis a exemplo de “Recalque”, sob direção da consagrada dama do teatro alagoano Linda Mascerenhas, e com direção própria “O Dote”, “ O Oráculo” e “Via Sacra de Henri Ghéon”, esta no encerramento do Festival de Artes de Penedo, de 1963, quando Ernani interpretou Jesus Cristo, em palco armado em frente a Catedral de Penedo e perante uma multidão que tomou toda a praça.

O memorável Festival de Artes de Penedo, consagrado nacionalmente, foi realizado graças ao empenho do Prefeito Raimundo Marinho, artistas e intelectuais de Penedo, e sem olvidar o determinante esforço dos empresários José da Silva Peixoto e seu filho Roberto Peixoto que conseguiram, junto ao Ministro Paschoal Carlos Magno, trazer para Penedo o extraordinário evento

Seguindo os rumos da vida, mudou-se Ernani com a Família para Maceió em 1968, voltando por curto espaço de tempo para Penedo, e então se transferindo em definitivo para a Capital em 1970, onde morou até seu último suspiro, às 21 horas, do dia 24 de janeiro de 1997, aos 71 anos de idade, mas tendo seu corpo, como desejado, vindo a dormir o sono eterno nas terras do Cemitério São Gonçalo do Amarante, acima do penedo que Penedo sustenta.

Em vida, outras lutas muitas travou Ernani em defesa do patrimônio atrístico e arquitetônico de Penedo, sendo bem lembrado o caso do belo sobradão colonial da rua da Praia, com dois andares, no qual os proprietários substituíram as três janelas de madeira do primeiro andar por um janelão de vidro, numa tosca e aviltante depredação da linha arquitetônia daquele logradouro que é o cartão de visita para quem chega em Penedo pelo Rio São Francisco.

Artigos no jornal da cidade “O Apóstolo” e movimentação de munícipes não foram sufientes, infelizmente, para impedir a aberração estética, vindo o prédio depois a ruir pela falta de conservação e preservação, deixando uma lacuna na fachada da rua da Praia que dificilmente será preenchida, mas que será possível se união houver nesse sentido entre sociedade e autoridades.

Mas, luta “braba”, mesmo, foi a travada juntamente com Maurício Gomes, o poeta das Rosas, Antônio Pedro dos Santos, o consagrado escultor, e o causídico Dr. Murilo Mendonça, com a adesão de tantos outros penedenses ilustres, contra a pretensão do Banco Econômico da Bahia de se instalar em Penedo nas dependências do Teatro 7 de Setembro, ocupando todo o seu térreo e acabando consequentemente com esta sala de espetáculos, mediante a compensação de remodelar o andar superior para sediar a Sociedade Filarmônica, o que contava com a simpatia de vários comerciantes.

A justificativa para a barbárie era apresentada pelas almas insensíveis culturalmente com a falácia de que representaria uma porta aberta para o desenvolvimento de Penedo, como se desenvolvimento de um povo fosse ditado por qualquer fato econômico, mesmo quando supressor de valores culturais seculares.

A batalha resultou exitosa, e salvo foi o primeiro teatro de Alagoas de se converter num simples estabelecimento bancário, quando conseguiram ainda os nominados, junto ao Governador Muniz Falcão, verba para a restauração do templo das artes cênicas do Penedo, e que hoje, majestoso aqui o temos para a glória das artes e da da cultura, em geral.

A luta foi árdua, como bem a narra o ilustre conterrâneo José Luiz Passos em seu excelente trabalho de pesquisador da história recente de Penedo, no Instagram, narrativa fidedigna e que recomendo a todos conhecê-la, já tendo motivado o dedicado penedense para eternizar seu admirável trabalho em impresso, para a posteridade.

Mas não foi só esse o combate em defesa do Teatro 7 de Setembro, pois com o uso do mesmo para bailes carnavalescos, mediante a construção de um tablado sobre as poltronas e abertura das frisas para acesso a nefasta “pista de danças”, nova “guerra” foi travada com os representantes da entidade responsável pela agressão ao patrimônio histórico e cultural, logo em seu icônico teatro, luta que durou alguns anos mas foi também vitoriosa, o que lhe rendeu mais um punhado de intrigas, que se somaram às anteriores por conta de sua dedicação na defesa do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural de Penedo.

Ernani passou também a pugnar pelas causas alagoanas, tendo sido Diretor do antigo Lyceu Alagoano (leia-se Colégio Estadual de Alagoas), Diretor do Departamento de Assuntos Científicos e Culturais do Estado de Alagoas (antecedente da Secretaria Estadual de Cultura), Secretário do Conselho Estadual de Cultura, membro do Conselho Diretivo da Fundação Pierre Chalita, fundador e membro da Academisa Penedense de Letras, membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e um dos fundadores, sob comando de Raimundo Marinho, da Faculdade de Formação de Professores de Penedo.

Pouco sabido é que Ernani Méro foi um dos poucos, no Brasil, a receber autorização do Conselho Federal de Educação para exercer o magistério superior “por notável saber”, antes mesmo de concluir seus estudos universitários, saber acumulado em muitos anos de estudos e pesquisas, ministrando as cadeiras de História da Arte e Arte Sacra, no Curso de Educação Artística, Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC, e também foi professor na capital de História no Colégio Estadual Dr. Afrânio Lages e ainda, em Maceió, foi professor do Colégio Élio Lemos. Exerceu o magistério em Penedo no Colégio Estadual José da Silva Peixoto, Colégio Diocesano, onde foi professor de Canto Orfeônico, Colégio Anfrísio Ribeiro e Escola Técnica do Comércio.

Em 1972 já tinha elaborado o esboço de sua pesquisa sobre a hstória do Penedo, após árdua pesquisa, no princípio com a finalidade de oferecer conhecimento aos estudantes penedenses, e a quem mais se interessase pelo tema, publicando sua primeria obra com o título de “História do Penedo” em 1974, a qual foi reeditada em 2018 com o prestimoso empenho da Academia Alagoana de Letras.

Publicou também trabalhos com variados temas como “Retalhos”, onde apresenta traços históricos do Teatro 7 de Setembro e de personagens ilustres de Alagoas, “Perfil” , “O Barroco em Alagoas” , “Regina Apostolorum Ora Pro Nobis”, “Uma Santa Casa de Misericórdia”, “Santa Maria Madalena”, sobre a história de Marechal Deodoro, “Os Caminhos da Escultura Sacra”, “Igrejas de Maceió”, deixando ainda inédita a obra sobre a história de Porto Calvo.

Podemos ver, no átrio do Teatro, a exposição montada pela dedicada e competente equipe da Secretaria Municipal de Cultura, Juventude e Lazer, comandada pelo talento e dedicação da Secretária Tereza Machado, onde temos exemplares das obras de Ernani Méro, objetos pessoais, seu oratório com as imagens de Jesus crucificado e São João Batista, o relógio herdado do pai, sua boina, cachimbos e os famosos charutos que fumava, enquanto pensava.

Lá, entre os livros, se encontra, inclusive, rascunhos feitos a mão sobre história geral e o esboço do livro “História do Penedo”, dactilografado, ainda.

Impõe aqui destacar que Ernani Méro, religioso e músico que era, também se dedicou a música sacra, não apenas como regente e musicista do coro do Convento de Penedo, como também regente do coro da Catedral Metropolitana de Maceió, mas também como compositor, tendo publicado o “Caderno de Música Sacra”, no qual faz desfilar músicas sacras de sua autoria e escritas de próprio punho, que também pode ser visto na exposição que lhe é dedicada.

Em seu primeiro trabalho transformado em livro, a “História do Penedo”, em suas Considerações iniciais, Ernani Méro já expõe o seu sentimento sobre história e significado da cultura de um povo, ao proclamar(...) “vamos todos juntos, ao encontro dos homens e dos fatos que construíram o Penedo de ontem, garantindo a realidade do Penedo de hoje e preparando o Penedo de amanhã”.

Vê-se que a visão do estudioso não se limitava a ver a história como um sucessório de fatos, mas na interpretação da vontade humana que determinou a ocorrência dos fatos consolidadores e modificadores de situações instaladas, o que se poderia entender como a evolução da história de um provo através da construção de sua própria cultura, geração após geração.

E a cultura, que jamais se fará estanque, é de ir se avolumando na medida que novos notáveis registros sejam gravados na consciência da coletividade, desde que movida é a cultura de um povo por um processo natural, intrínseco, de transmissão pelo tempo, até involuntariamente, por cada membro do corpo social, independentemente de seu grau de instrução, seja no campo científico, artístico, literário, empreendedor como também folclórico, como se fora um código genético de cada povo, de cada nação.

Nesse momento em que o mundo vem sendo avassalado por um processo de desculturação dos povos, para fins mesquinhos e inconfessáveis, o propósito de se deter sobre as obras e lições de homens como Ernani Méro é ato de recuperação de dignidade social e de enfrentamento ao vandalismo cultural tão em destaque nos dias de hoje, luta atual de todos aqueles que não se conformam com a derrubada e extinção de nossos valores culturais.

Tal visão da história defendida por Ernani Méro foi observada pelo Ilustre Cônego e Deputado Federal Medeiros Neto, ao prefaciar a primeira edição de “História do Penedo” assim sentenciando: “(...) Realmente, do alto da penedia vendo o escorregadio abismante da rocheira, eu seria capaz, como o fez Ernani Méro, de ir buscar lá no fundo do caudal a emoção de salvar Penedo do silêncio, da solidão e do ostracismo em que muitos a mergulharam.”

A lição é clara e precisa ser entendida: sem que procuremos conhecer o nosso passado e a luta dos que construíram nosso mundo, difícil será executarmos papéis dignos, construtivos e salutares em favor da coletividade como vetores de perpetuação cultural, assegurando a secularidade da história de nossa terra e a preservação de nosso povo, enquanto nação pensadora e culta.

A história do Penedo, portanto, como ensina Ernani Méro, teve começo, mas não se poderá dizer quando se deu ou dará o seu meio, posto que não terá fim, e viverá, enquanto se entenda que o seu sustentáculo é o seu Povo e a sua Cultura, envolvidos em amálgama de amor pátrio, amor ardentemente vivido por Ernani Méro.

Encerro essa singela exposição da Vida e Obra de Ernani Méro como ele começou sua obra “História do Penedo”, onde, em epígrafe, registrou os versos de João Romariz, filho do consagrado Sabino Romariz, que assim cantou:

“Crianças que brincam

de roda cantando

tangendo a tristeza

fazendo sonhar...

Vós sois a lembrança

mais simples e grata

do rio da prata

da luz do luar.

Penedo vai

Penedo vem

Penedo é terra

de quem quer bem.

Muito obrigado.

Palestra proferida em 3 de maio de 2023, no Teatro 7 de Setembro, na solenidade de abertura da Feira Literária/2023 de Penedo.

Ricardo Méro